ESTUDO SOCIOMÉTRICO EM ATLETAS DE FUTSAL COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

Vanderlei Palandrani Junior; Martha Frigene; Vagner Roberto Bergamo
PUC-Campinas / FEF; GPCEsporte; Centro Interdisciplinar de Atenção ao Deficiente.

RESUMO

O teste sociométrico pode ser aplicado em qualquer grupo, em que todos os elementos se conheçam e realizam uma tarefa em comum há algum tempo, sendo proposto como teste de grande aplicabilidade às Ciências do Esporte, em especial no estudo dos fenômenos sócio-afetivo-culturais que compreendem o ambiente do esporte coletivo, entre eles o futsal. Assim, o presente estudo procurou determinar a posição, comportamento, integração e interação de atletas de futsal com deficiência intelectual que compõem o grupo esportivo avaliado. A amostra estudada constituiu-se por 15 atletas de futsal com deficiência intelectual, média de idade igual a 24,20 ± 4,78 anos, que participam há 3 anos das 2 sessões semanais, com duração de 2 horas, do "Projeto Futsal" desenvolvido pelo CIAD - PUC-Campinas. Os dados sociométricos foram coletados por meio de um questionário aplicado a todos os participantes da pesquisa em uma única oportunidade durante o 2º semestre de 2005. Os dados foram apresentados e interpretados sob a forma de diagrama (sociograma). Para a interpretação dos resultados, os atletas foram divididos em 2 grupos de acordo com o nível de limitação para a realização dos testes de aptidão física segundo modelo de classificação qualitativa da deficiência intelectual proposto por Winnick (2001). Os grupos foram constituídos por atletas com deficiência intelectual Leve (L) e Severa (S), compostos respectivamente por 12 e 3 atletas. Em decorrência a essência heterogênea característica do grupo estudado, situação esta que não se restringe apenas a população de pessoas com deficiência intelectual, adotou-se como estratégia a eleição de agentes competentes pertencentes ao grupo, ou seja, aqueles atletas mais competentes estiveram atuando como tutores daqueles com maior grau de comprometimento ao longo do estudo. Os dados coletados revelaram que os atletas eleitos tutores foram justamente aqueles mais citados pelos demais, caracterizando o fenômeno de identificação em estrela no sociograma, em especial, quando apontava-se o melhor amigo dentro do grupo esportivo. Quanto aos fenômenos observados, a predominância da identificação em estrela dos atletas tutores e escolha em cadeia dos participantes, revelam as múltiplas interações sócio-afetivo-culturais existentes no grupo esportivo e ascendem ao respeito e valorização das diferenças enquanto essência do desenvolvimento humano.

Palavras chave: Deficiência intelectual, futsal, sociometria.

INTRODUÇÃO

A privação de experiências e segregação da população de pessoas com deficiência intelectual apresentam-se como fatores determinantes ao atraso e comprometimento de seu desenvolvimento. O presente âmbito social parece comprometer ainda mais o desenvolvimento das pessoas com deficiência intelectual, estabelecendo então uma relação explícita entre a ausência de estímulos precoces, segregação, e o agravamento do déficit cognitivo. Este comprometimento cognitivo associa-se então ao baixo desempenho motor, interferindo também nas relações sócio-afetivas de comunicação e interação com outras pessoas e grupos. Diante o quadro de déficit cognitivo apresentado pelas pessoas com deficiência intelectual, as demais competências motoras e sócio-afetivas são subestimadas devido à falta de entendimento das tarefas a serem realizadas ou mesmo dos fenômenos que o cercam, portanto a existência de um ambiente que oponha-se a esta esfera de segregação, ofereceria a oportunidade da vivência de diversificadas situações e estímulos capazes de minimizar o comprometimento cognitivo, caracterizado geneticamente, e otimizar as demais competências, até então subestimadas (PALANDRANI; FRIGENE; BERGAMO, 2005).

O presente cenário cultural apresenta o fenômeno esportivo, em especial o futsal, como protagonista no contexto do desenvolvimento da motricidade humana aos contornos da sociedade brasileira. Desta forma, o futsal, o esporte mais praticado no Brasil (MUTTI, 2003; FIFA *apud* SALLES; MOURA, 2005), por sua popularidade e facilidade prática, pode contextualizar um ambiente participativo

e inclusivo capaz de estimular entre seus praticantes uma reflexão sobre alguns conceitos que fundamentam sua complexidade prática.

A desmistificação do esporte coletivo, em especial o futsal, revela características, particularidades e exigências deste esporte até então pouco discutidas diante a supervalorização do desempenho motor, característica explícita nas ações dos praticantes. No entanto, outras competências, nem sempre tão explícitas aos olhares dos espectadores, são necessárias à, embora desconhecida, complexidade desta prática esportiva. Diante a impossível fragmentação do ser humano, as competências cognitivas e sócio-afetivo-culturais, apresentam-se como essenciais ao desempenho dos participantes. De uma forma geral, o futsal caracteriza-se então pelas exigências de interação, intra e interpessoal, entre as múltiplas competências individuais e coletivas existentes no grupo.

De acordo com a classificação dos esportes com base nos critérios de cooperação, interação, ambiente, desempenho e objetivos táticos proposta por Gonzalez (2004), pode-se caracterizar o futsal como um esporte coletivo em que há a interação com o oponente e a necessidade de invasão territorial rumo à meta adversária. Desta forma, o futsal apresenta-se como um esporte em que há a colaboração entre os companheiros de uma equipe de forma estratégica-combinada. As equipes enfrentam-se diretamente e em cada ato, tentam atingir os objetivos do jogo, evitando que os adversários o façam.

A diversidade referente às capacidades, dificuldades e limitações individuais dentro de um grupo é um fato generalizado para o qual deve-se direcionar os esforços a partir de um planejamento orientado aos objetivos de participação, inclusão social e cooperação. Ross (1998), afirma que toda relação social é uma relação educativa e que a existência depende da relação com o outro. Desta forma a interações são valorizadas dentro do contexto cooperativo, pois as trocas de experiências e conhecimentos fundamentam o processo educativo.

Vygotsky (apud TUDGE, 1996) ao introduzir o conceito de zona de desenvolvimento proximal, declarou que parceiros mais competentes, tanto quanto os adultos, podem ajudar no desenvolvimento das crianças. Nesta perspectiva, Vygotsky (apud ROSS, 1998) opõe-se à visão quantitativa da psicometria, afirmando que não basta conhecer a idade mental, mas o que a criança pode fazer quando ajudada por uma pessoa mais competente. Em decorrência a esta essência heterogênea, não basta ao professor, intervir individualmente como único competente do processo educativo, mas sim, eleger outros agentes competentes pertencentes ao grupo.

Segundo Krebs (2004), um dos mais interessantes avanços nos programas de educação especial é a utilização de pares (outros alunos) para ajudar a criança com necessidades especiais. É comum que as crianças pequenas se baseiem em pessoas um pouco mais velhas, tomando-as como modelos de conduta. Além disso, o ensino por colegas e pessoas de idades diferentes, aumenta o tempo de instrução personalizada para alunos com deficiência intelectual. Sendo assim, os alunos com maior facilidade passam a auxiliar os companheiros com alguma dificuldade para que todos caminhem em uma mesma direção rumo a um objetivo comum, fruto das ações interativas, criativas, cooperativas, inclusivas e participativas. O respeito às diferenças deve cooperar com a valorização e interação das individualidades, explorado-as para que todos compartilhem suas experiências e eficiências interagindo com os demais integrantes de um grupo no qual suas qualidades diferem-se e completam-se.

Neste sentido, as múltiplas situações de interação planejadas e inesperadas apresentam-se como constante estímulo à inteligência lingüística exigida durante as diferentes variações do ambiente, necessidades de comunicação e formas de expressão. Assim, o presente estudo propôs-se a estudar e determinar a posição, comportamento, integração e interação dos participantes dentro do grupo esportivo por meio da sociometria.

DESCRIÇÃO METODOLÓGICA

Tipo de Pesquisa

Para realização deste trabalho utilizou-se de um estudo de caso avaliativo em que foram apresentadas a descrição e interpretação dos fenômenos, mas o propósito principal foi utilizar os dados para avaliar o mérito da prática em questão (THOMAS; NELSON, 2002).

A pesquisa classifica-se também como experimental, pois foi desenvolvida a partir da determinação de um objeto de estudo, selecionando as variáveis capazes de influenciá-lo e definindo as

formas de controle e de observação dos fenômenos. Tratou-se, portanto, de um estudo em que o pesquisador participou como um agente ativo (GIL, 2002).

Todo este trabalho só foi possível por meio da realização de um estudo de campo, enfatizando-se a importância de uma experiência direta do pesquisador com a situação de estudo. Neste caso, exigiu-se do pesquisador, a permanência, durante o maior tempo possível, na comunidade, pois somente com essa imersão na realidade é que foi possível entender as regras, os costumes e as convenções que regem o grupo estudado (GIL, 2002).

Os dados sociométricos foram coletados em uma única oportunidade, caracterizando a etapa de transversalidade do estudo.

Amostra

Para o desenvolvimento desta pesquisa, foi acompanhada uma amostra de 15 pessoas com deficiência intelectual do sexo masculino, idade cronológica entre 17 e 33 anos e média de idade igual a 24,20 ± 4,78 anos, que participam regularmente há 3 anos das 2 sessões semanais, com duração de 2 horas, do "Projeto de Esportes/Futsal" proposto aos atendidos do Centro Interdisciplinar de Atenção ao Deficiente (CIAD) da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Para integrar a amostra estudada, os participantes e/ou responsáveis apresentaram obrigatoriamente um termo de consentimento para participação na pesquisa corretamente preenchido e assinado.

Para disposição da amostra, utilizou-se o modelo qualitativo de divisão proposto por Winnick (2001) em que são apresentados três níveis possíveis de classificação para as pessoas com deficiência intelectual, segundo suas necessidades e limitações para realização dos testes de aptidão física.

A presente classificação definia-se por meio da identificação de características, limitações e necessidades dos atletas para realização dos testes de aptidão física, determinando a aprovação destes indivíduos em um grupo específico. Os atletas participantes foram subdivididos em dois grupos: um grupo constituído pelos indivíduos com limitação leve (Grupo L) e um outro com indivíduos que apresentavam um grau de limitação severa (Grupo S), compostos por 12 e 03 atletas, respectivamente (tabela 1).

Tabela 1. Distinção dos grupos caracterizados segundo nível de limitação e necessidades para realização do testes de aptidão física, respectivo número de participantes, média e desvio padrão da idade cronológica.

Grupo		**Leve (L)**	**Severo (S)**
N		12 atletas	03 atletas
Idade	$\bar{X}$	24,92	21,33
	S±	5,02	1,70

Ressalta-se que as atividades eram sempre realizadas por meio das interações entre todos os atendidos participantes do "Projeto de Esportes/Futsal" oferecido pelo CIAD, independentemente do grau de limitação, e classificação dos grupos.

A filosofia deste trabalho fundamentou-se pela necessidade das interações entre todos os integrantes do projeto entendendo as questões da individualidade e diversidade como essência do desenvolvimento humano. Desta forma, há de se destacar que a estratégia apresentada e adotada para este trabalho previa que aquelas pessoas/atletas com menor grau de comprometimento cognitivo e motor, atuassem como agentes tutores das pessoas/atletas com maior grau de comprometimento.

Material e Método

O teste sociométrico pode ser aplicado em qualquer grupo, em que todos os elementos se conheçam e realizam uma tarefa em comum há algum tempo, sendo proposto por Cavasini e Osse (2005) como teste de grande aplicabilidade às Ciências do Esporte, compreendido na bateria de testes preconizada pelo Centro de Estudos do Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul (CELAFISCS). O teste sociométrico permite classificar cada indivíduo de acordo com sua posição, comportamento, integração e interação dentro do grupo esportivo.

Os dados sociométricos foram coletados por meio de um questionário aplicado a todos os participantes da pesquisa em uma única oportunidade durante o 2º semestre de 2005. Para isso o pesquisador entrevistava cada integrante do grupo esportivo individualmente, certificando-lhes da confidência e sigilo das respostas. Os dados foram apresentados e interpretados sob a forma de diagrama (sociograma).

DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS

Os resultados foram expressos sob a forma de diagramas (sociogramas) favorecendo a exposição e interpretação das relações existentes entre os indivíduos que compunham o grupo como um todo, possibilitando ainda identificar e interpretar as relações interpessoais entre os elementos de cada grupo (L e S) e entre indivíduos de grupos diferentes, segundo a proposta de divisão dos participantes respeitando o nível de limitação das pessoas com deficiência intelectual para realização dos testes de aptidão física.

Identificou-se como necessário a atribuição aleatória de um número respectivo a cada participante para elaboração do sociograma e apresentação dos dados coletados. Os resultados foram expressos no sociograma sem que fosse relevante a divisão dos grupos L e S, no entanto, fez-se necessário identificar os integrantes de cada grupo para melhor interpretação das relações intra e inter-grupos.

Tabela 2. Divisão dos grupos L e S e respectiva identificação dos participantes.

Grupo	L	S
Identificação aleatória dos participantes que compunham cada grupo	1	
	2	
	3*	
	4*	
	5	
	6*	
		7
	8	
		9
		10
	11	
	12	
	13*	
	14*	
	15	

*Atletas tutores

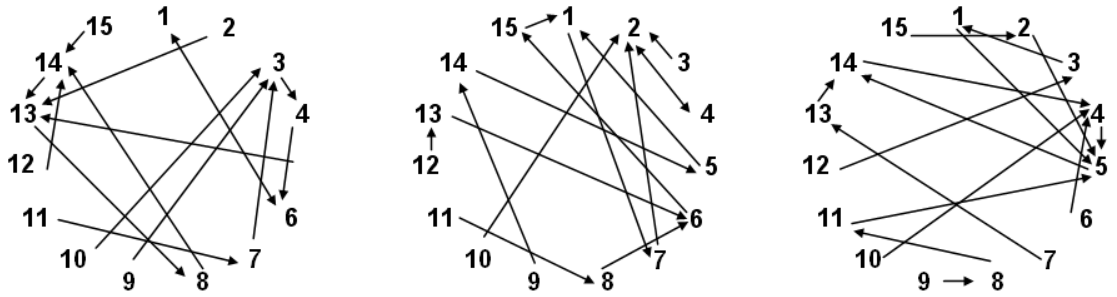

Figura 1. Sociograma representativo: Escolha do melhor amigo dentro do grupo esportivo, 1ª, 2ª e 3ª opção respectivamente.

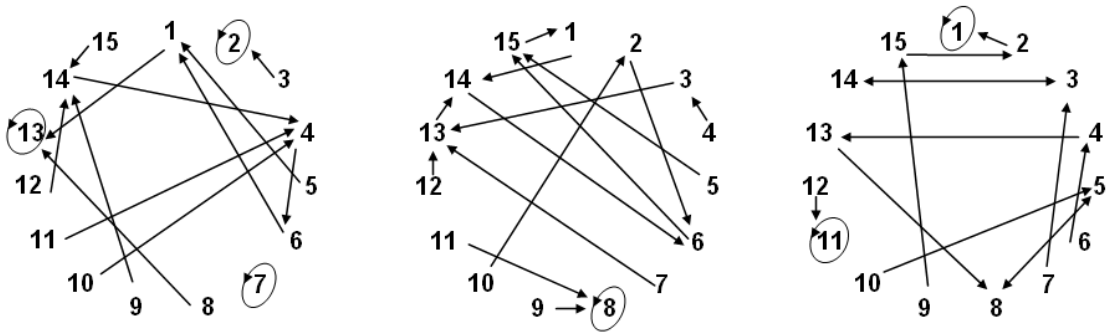

Figura 2. Sociograma representativo: Escolha do melhor atleta da equipe 1ª, 2ª e 3ª opção respectivamente.

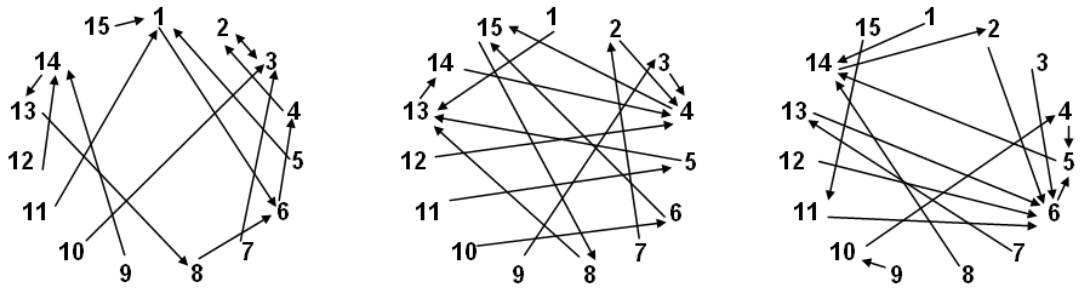

Figura 3. Sociograma representativo: Com quem mais gosta de jogar, 1ª, 2ª e 3ª opção respectivamente.

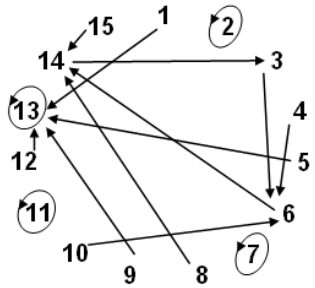

Figura 4. Sociograma representativo: Escolha do capitão da equipe.

Quanto às possibilidades de relacionamento existentes no grupo, identificou-se poucos casos em que determinado participante se auto referenciava o melhor atleta da equipe ou o mais competente para ser o capitão. Houve também poucos casos em que ocorreram a escolha mútua entre os participantes, ou seja, ambos atletas apontarem um ao outro dentro da respectiva questão e sequência de opção.

Dentre os participantes do grupo L, vale destacar que os atletas identificados pelo número 3, 4, 6, 13 e 14 eram aqueles mais solicitados pelos professores para tutorarem o comportamento e desempenho dos demais atendidos, em especial aqueles que compunham o grupo S. Coincidentemente, os dados coletados revelaram que estes atletas foram justamente aqueles mais citados pelos demais nas respostas do questionário respectivo ao teste sociométrico, em especial, quando apontava-se o melhor amigo ou aquele atleta com quem mais gostasse de jogar dentro do grupo esportivo. Nestes casos, quando um único atleta era apontado por outros participantes, determinava-se o fenômeno de identificação em estrela. Este mesmo fenômeno pôde ser identificado também na interpretação do sociograma respectivo à escolha do capitão da equipe.

Entretanto, as relações mais identificadas na interpretação dos diagramas sociométricos baseavam-se na escolha em cadeia dos participantes, ou seja, formavam-se grandes grupos de atletas que não necessariamente se escolhiam entre si, mas as escolhas ocorriam respeitando uma certa ordem de relação entre os apontamentos organizados em cadeia, fazendo com que houvesse uma certa desorganização quanto à visualização do sociograma, porém esta desorganização, ascende às múltiplas interações sócio-afetivas existentes no grupo e necessárias à ascensão do respeito e valorização das diferenças enquanto essência do desenvolvimento humano.

Há de se destacar a complexidade e pluralidade de possíveis relações e interpretações dos diagramas sociométricos apresentados neste estudo, no entanto, foram destacados dados mais relevantes quanto à proposta de tutoria realizada por aqueles atletas mais competentes, eleitos parceiros daqueles que apresentavam menores habilidades para realização de determinada tarefa.

Um diagnóstico inicial apresentado pela pesquisa de campo identificou uma ampla diversidade referente às capacidades, dificuldades e limitações individuais existentes no grupo esportivo, fato generalizado para o qual direcionou-se os esforços a partir de um planejamento orientado aos objetivos de participação, inclusão e cooperação entre os integrantes da equipe. Neste momento, já amadurecia-se a proposta de conquista de uma maior participação social e autonomia dos participantes em outros ambientes, ascendendo à superação das barreiras institucionais.

Em decorrência a essência heterogênea característica do grupo estudado, situação esta que não se restringe apenas a população de pessoas com deficiência intelectual, coube aos professores eleger outros agentes competentes pertencentes ao grupo. Neste contexto, aqueles atletas mais competentes estiveram atuando como tutores daqueles com maior grau de comprometimento. Essa prática contribuiu significativamente para a inclusão e interação daquelas pessoas mais comprometidas que compunham o grupo de atletas participantes do estudo, apoiando-se na proposta de que parceiros mais competentes poderiam ajudar no desenvolvimento daqueles com menor domínio em determinada tarefa (VYGOTSKY apud TUDGE, 1996; VYGOTSKY apud ROSS, 1998; KREBS, 2004).

Quanto à seleção dos atletas tutores, segundo a disposição da amostra de participantes da pesquisa, estes compunham o grupo L, que participavam efetivamente na orientação daqueles atletas classificados no grupo S. No entanto não era estabelecida nenhuma ordem hierárquica quanto às possibilidades de ação/interação e eleição dos tutores, pois estes variavam de acordo com a habilidade e domínio em determinada tarefa. Desta forma, nada impedia que determinado participante do grupo S fosse eleito tutor de outro do grupo L, ou mesmo que houvesse esta relação de parceria dentro de um mesmo grupo. Esta dinâmica determinava as múltiplas interações entre os participantes da pesquisa como um todo, atentando à classificação dos grupos apenas para efeito de estudo e melhor interpretação dos resultados apresentados.

Estes participantes, eleitos parceiros, sentiam-se responsáveis por ajudar tomando a iniciativa de observar, incentivar, orientar e auxiliar os companheiros que apresentavam maiores dificuldades em determinada atividade. Concomitantemente, vivenciavam novas experiências a cada dia (desenvolvendo seus conceitos, percepções e capacidade de criatividade) por meio da busca de alternativas e estratégias que auxiliassem o companheiro. Inicialmente os participantes eleitos tutores, limitavam-se às orientações e feedback dos professores para se aproximar e relacionar com os demais atletas, só assim garantia-se a efetividade e bons resultados quanto à proposta de colaboração entre pares. Com o passar

do tempo, os atletas foram incorporando este instinto cooperativo e responsabilizando-se pelo desenvolvimento do companheiro e equipe. Neste momento, observou-se uma permutação das cadeias de amizade existentes no grupo esportivo, contribuindo assim a otimização das interações sócio-afetivas entre os participantes.

Ross (1998), afirma que toda relação social é uma relação educativa e que a existência depende da relação com o outro. Uma analogia quanto à presente reflexão e a identificação das relações cooperativas entre com os componentes de uma equipe em oposição às ações dos adversários, estabeleceram a existência das inúmeras possibilidades de relações intra e inter-pessoais por meio da prática do jogo, ascendendo à discussões que valorizavam a diversidade como essência do desenvolvimento humano e sucesso da equipe, atentando aos prazeres da prática do jogo sem limitar-se ao seu resultado quantitativo.

Além disso, o futsal, enquanto fenômeno sócio-cultural, esteve contribuindo, ainda que em proporção insignificante, com o processo de inclusão e interação das pessoas com deficiência intelectual em diferentes ambientes, fato que representa a conquista de novos horizontes de participação por meio da superação e sobreposição das limitações e restrições do atendimento segregado. A presente afirmação, embora ecoe a filosofia utópica da inclusão, permite ascendê-la à superação de seu estado de inércia. Para interpretação, justificativa e constatação do presente fenômeno, o presente estudo faz referência ao relato de alguns dos participantes quanto à sua maior participação na comunidade por meio da prática esportiva, em especial do futsal, com novos colegas do bairro.

Um fato relevante e digno de ser destacado nesta etapa próxima à conclusão do presente estudo refere-se às relações cooperativas e competitivas, individuais e coletivas, favoráveis e adversas características do ambiente futsal e sua proximidade com as experiências e relações diárias que contextualizam a aceitação ou não de uma pessoa nas diferentes comunidades e sociedades existentes em um contexto de diversidade cultural.

Uma vez diagnosticada a essência singular de cada indivíduo integrante do grupo esportivo, tornou-se possível provocar a permuta de experiências e conhecimento entre os atletas, em especial, sob a supervisão daqueles eleitos tutores, protagonistas deste transcendente cenário esportivo.

Acredita-se que o cenário futsal, como oportunizador do desenvolvimento de múltiplas competências, esteja contribuindo, de fato, ao processo de inclusão e interação das pessoas com deficiência intelectual participantes da pesquisa, pois estas, quando capazes de interpretar as diferentes relações e variações do ambiente do esporte coletivo, estarão aptas à conquista de seu espaço e reconhecimento dentro de qualquer sociedade. No entanto, o que têm-se observado é o despreparo das sociedades quanto à aceitação e apreciação das diferenças.

CONCLUSÃO

O presente fenômeno ascende à arquitetura de um ambiente em que todos os participantes apresentavam-se como protagonistas do desenvolvimento coletivo por meio do respeito à individualidade e valorização da diversidade a partir das interações e cooperações entre as diferentes competências existentes no grupo.

Neste contexto, o futsal, enquanto esporte coletivo, diante suas exigências e especificidades, caracterizou-se como cenário determinante à contextualização de diversificadas experiências e vivências de situações oportunas à otimização das competências sócio-afetivo-culturais, exigidas tanto para a prática esportiva como para o desempenho de atividades diárias, autonomia e qualidade de vida.

A caracterização lúdica e participativa do esporte coletivo futsal, pôde despertar nos participantes, diante as múltiplas possibilidades de interação em situações favoráveis e adversas, o conceito de respeito e valorização da diversidade encontrada no grupo como essência para o seu desenvolvimento frente às exigências de ações combinadas e cooperativas nas quais as diferenças e competências diferenciavam-se e completavam-se.

REFERÊNCIAS BIBLIOGÁFICAS

CAVASINI, S. M.; OSSE, C. M. C. Medidas Psicológicas no Esporte. In: MATSUDO, V. K. R. **Testes em ciências do esporte.** 7. ed. São Caetano do Sul, SP: CELAFISCS, 2005.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4º ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KREBS, P. Retardo Mental. In: WINNICK, J. P. **Educação física e esportes adaptados.** Barueri, SP: Manole, 2004.

GONZALEZ, F. J. Sistema de classificação de esportes com base nos critérios: cooperação, interação com o adversário, ambiente, desempenho comparado e objetivos táticos da ação. **Revista Digital** - Buenos Aires - Ano 10 - N° 71 - Abril 2004. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/>. Acesso em: 19 maio 2004.

MUTTI, D. **Futsal:** da iniciação ao alto nível. 2ª ed. São Paulo: Phorte, 2003.

PALANDRANI, V. J.; FRIGENE, M.; BERGAMO, V. R. Contribuições do Futsal para o Desenvolvimento do Perfil de Aptidão Física de Atletas com Deficiência Mental. In: FONTOURA, P. (Org.). **Coleção Pesquisa em Educação Física** nº. 3: O Estilo de Vida Ativo Depende da Educação Física Escolar? Jundiaí, SP: Fontoura, 2005, p. 50-54.

ROSS, P. R. Educação e Trabalho: A Conquista da Diversidade Ante as Políticas Neoliberais. In: BIANCHETTI, L.; FREIRE, I. M. (Orgs.). **Um olhar sobre a diferença: interação, trabalho e cidadania.** Campinas, SP: Papirus, 1998.

SALLES, J. G. C.; MOURA, H. B. Futsal. In: DACOSTA, L. (Org.). **Atlas do esporte no brasil:** atlas do esporte, educação física e atividades físicas de saúde e lazer no brasil. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

THOMAS J. R.; NELSON, J. K. **Métodos de Pesquisa em Educação Física.** 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

TUDGE, J. Vygotsky, a Zona de Desenvolvimento Proximal e a Colaboração entre Pares: Implicações para a Prática em Sala de Aula. In: In: MOLL, L. C. **Vygotsky e a educação: implicações pedagógicas da psicologia sócio-histórica.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

WINNICK, J. P.; SHORT, F. X. **Testes de aptidão física para jovens com necessidades especiais.** Barueri, SP: Manole, 2001.